

# **Estrutura argumental preferida: uma análise funcionalista dos padrões de uso dos argumentos dos verbos em narrativas orais e em narrativas escritas**

**Juliano Desiderato Antonio**

Universidade Estadual de Maringá (UEM)  
jdantonio@uem.br

**Abstract.** *This paper investigates the pattern of verb argument use known as Preferred Argument Structure. The corpus is formed by 10 oral narratives and 10 written narratives produced by students of Letras course. The investigation points towards the existence of PAS in Brazilian Portuguese and also points some differences regarding the distribution of lexical noun phrases and of new noun phrases between oral and written narratives because of differences in the processes of speaking and writing. Written language, which has a slower process of production, allows the speaker to process a larger amount of information simultaneously.*

**Keywords.** *Preferred Argument Structure; Functionalism; Spoken and written language.*

**Resumo.** *Neste trabalho, investiga-se o padrão de uso dos argumentos dos verbos conhecido como Estrutura Argumental Preferida. O corpus de análise é formado por 10 narrativas orais e 10 narrativas escritas, produzidas por alunos do curso de Letras. Os dados obtidos evidenciam a existência da EAP em português e também apontam algumas diferenças na distribuição dos sintagmas nominais lexicais e dos sintagmas nominais novos entre as narrativas orais e as narrativas escritas devido a diferenças nos processos de produção da fala e da escrita. A escrita, que tem um processo de produção mais lento, permite que se processe maior quantidade de informação ao mesmo tempo.*

**Palavras-chave.** *Estrutura Argumental Preferida; Funcionalismo; Fala e escrita.*

## **1. Introdução**

Uma das principais características do funcionalismo é a integração dos níveis sintático e semântico ao nível pragmático. Essa integração é essencial para que certos padrões de uso das línguas naturais possam ser descritos. É o que acontece com a Estrutura Argumental Preferida (EAP), um padrão de uso dos argumentos diretos do verbo (sujeito intransitivo - **S**, sujeito transitivo - **A** e objeto - **O**) amplamente utilizado pelos falantes, composto por restrições gramaticais (**um argumento lexical por oração** e **A não-lexical**) e por restrições pragmáticas (**um argumento novo por oração** e **A não-novo**).

Neste trabalho, apresentam-se os resultados de uma análise funcionalista da EAP em narrativas orais e em narrativas escritas do português brasileiro. Além do estudo da EAP, procura-se verificar quais as semelhanças e diferenças entre os textos orais e os textos escritos que compõem o *corpus* da pesquisa. Dessa forma, este trabalho também procura contribuir para a caracterização das modalidades de língua oral e escrita.

O *corpus* desta pesquisa é formado por 10 narrativas orais e por 10 narrativas escritas produzidas por alunos do curso de Letras. Para a coleta do *corpus*, foram adotados alguns critérios. Optou-se por um material que apresentasse o menor número possível de discrepâncias, para que uma eventual diferença nos resultados da EAP não pudesse ser atribuída à existência de diferentes tipos de textos no *corpus*. Para que os textos de todos os informantes fossem sobre um mesmo assunto e fossem semelhantes em aspectos como extensão, conteúdo, etc., decidiu-se que a coleta dos dados seria feita a partir da exibição de um vídeo com uma história que seria recontada pelos sujeitos da pesquisa. A opção pela narrativa proveio do fato de que, para a produção desse tipo de texto, o filme serviria como um *script* a ser seguido pelos informantes, o que permitiria a obtenção de um *corpus* bastante homogêneo. Para se evitar que houvesse influência das falas do narrador ou de personagens sobre a maneira como os informantes formulariam lingüisticamente a história, a solução foi procurar um filme mudo, cuja seqüência de cenas fosse suficiente para a compreensão do seu enredo.

O vídeo escolhido foi “O pavão misterioso”, que se baseia em uma história do folclore nordestino de mesmo nome e que tem como personagens bonecos que representam seres humanos. Com duração de 9 minutos e 20 segundos, o enredo do filme tem como ponto de partida a chegada do protagonista à cidade onde acontecerão os fatos. Após conhecer o local e instalar-se num hotel, o rapaz vai a uma festa popular e conhece uma moça por quem se apaixona. Entretanto, o pai da moça proíbe o amor dos dois. O rapaz vai, então, a uma oficina e constrói uma aeronave em forma de pavão que utiliza para fugir da cidade com sua amada.

Logo após assistirem ao filme, os informantes contaram a história oralmente, gravando-a em fitas K-7. Em seguida, solicitou-se que a história fosse contada por escrito. Durante a redação, não foi permitido aos informantes ouvir a fita que haviam gravado, para que não houvesse influência do oral sobre o escrito.

As bases teóricas do trabalho encontram-se na pesquisa de John Du Bois a respeito da EAP e nas pesquisas de Wallace Chafe sobre o fluxo de informação no discurso.

## **2. Fundamentação teórica: o funcionalismo e a competição entre motivações**

Um ponto comum para todas as teorias funcionalistas é o pressuposto de que a função primordial da linguagem é servir de instrumento para a comunicação entre os seres humanos (BUTLER, 2003; NEVES, 1997; NICHOLS, 1984). É importante que se observe que, para o funcionalismo, o conceito de comunicação não se restringe à codificação e à transmissão de informação, mas compreende todos os fatores envolvidos no evento de fala. Por isso, o objeto de estudo do funcionalista é a língua em uso, ou seja, a competência comunicativa.

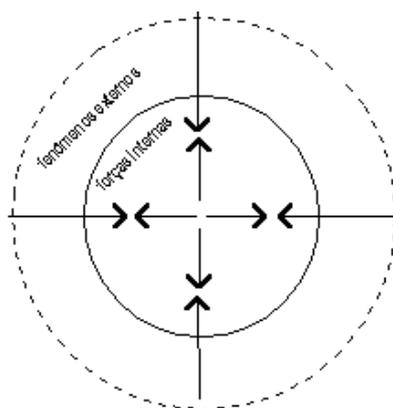
Na visão funcionalista, a língua é estudada levando-se em conta a integração dos vários níveis de análise, inclusive os níveis semântico e pragmático, que são centrais em qualquer modelo que se declare funcionalista. No que diz respeito à aquisição de

linguagem, adota-se a posição construtivista, segundo a qual a criança constrói a gramática da língua à qual está exposta. A relação entre cognição e linguagem também é relevante para o funcionalismo, pois há restrições cognitivas sobre a recuperação de itens lingüísticos estruturais e, uma vez que se queira investigar a língua em sua função comunicativa, esses fatores devem ser levados em conta. Também se reconhece a importância do discurso e das relações contextuais, uma vez que a comunicação não se dá por meio de frases, mas sim por meio do discurso multiproposicional, organizado em estruturas conhecidas como caracterizando conversação, palestra, reunião, carta formal/informal, etc. Nessas categorias, reconhece-se a importância da relação entre os textos e os contextos em que são criados e compreendidos. Um diferencial na proposta funcionalista das funções da linguagem é a função textual proposta por Halliday (1985). Trata-se de uma função instrumental em relação às outras funções, pois diz respeito à criação do texto, contextualizando as unidades lingüísticas e fazendo-as operar no contexto e na situação comunicativa.

Outro ponto comum aos modelos funcionalistas é a rejeição aos postulados básicos do formalismo (GIVÓN, 1995): arbitrariedade; autonomia da sintaxe, da gramática e da faculdade da linguagem; distinção entre o sistema e o uso; distinção rígida entre sincronia e diacronia.

Como pode ser observado, o estudo das motivações é essencial para o funcionalismo. A competição entre motivações internas e externas, segundo Du Bois (1985), demonstra que a língua é um sistema adaptável. Adaptável porque responde às pressões externas, e sistema porque certas categorias gramaticalizadas são conservadas para serem utilizadas como formas cristalizadas, o que enfraquece a rígida distinção formalista entre sincronia e diacronia.

A figura 1 (DU BOIS, 1985, p. 361) representa essas motivações em competição.



**Figura 1. Motivações em competição**

Assim, reconhecer a existência de motivações externas à língua equivale a dizer que existe, sim, alguma relação de similaridade entre forma e conteúdo e que a sintaxe e a gramática não são autônomas. Também se deve considerar que “os padrões não se impõem ao uso, mas, pelo contrário, os usos estabelecem padrões” (NEVES, 2003, p. 34).

### **3. Análise dos dados: a estrutura argumental preferida**





vez, a maior capacidade de processamento mental da informação na modalidade escrita (CHAFE, 1985).

Pode-se dizer, dessa forma, que orações como as dos exemplos *a* e *b* são mais comuns do que orações como a do exemplo *c*.

(a) O estranho viajante chegou na cidade. (um argumento novo)  
SN-novo

(b) Ele construiu o pavão voador. (um argumento novo)  
SN-novo

(c) O mecânico construiu o pavão voador. (dois argumentos novos)  
SN-novo SN-novo

### 3.1.4. A não-novo

A restrição do A não-novo também se confirma no *corpus* da pesquisa. Como pode ser observado no quadro 4, o argumento A é o menos utilizado na introdução de informação nova.

**Quadro 4. Ocorrências novas em cada argumento**

	<b>A</b>	<b>S</b>	<b>O</b>
narrativas orais	2,5%	14%	25,5%
narrativas escritas	3%	24%	29%

No que diz respeito às modalidade de língua, as narrativas escritas apresentam frequência mais alta de ocorrências novas do que as narrativas orais.

Com base nos dados do quadro 4, pode-se dizer que, no *corpus da pesquisa*, são mais comuns orações como as dos exemplos *a* e *b*, do que orações como a do exemplo *c*.

(a) O estranho viajante chegou na cidade.  
S-novo

(b) Ele construiu o pavão voador.  
O-novo

(c) O mecânico construiu o pavão voador.  
A-novo O-novo

### 3.2. O fluxo de informação e a estrutura argumental preferida

A explicação para a configuração dos argumentos do verbo que caracteriza a EAP está relacionada à continuidade tópica e à classe semântica dos referentes. Segundo Du Bois (1987), referentes humanos tendem a ocupar papel central nas narrativas, aparecendo, portanto, como S ou A, ao passo que referentes inanimados, que têm passagem efêmera pela narrativa, são introduzidos pelo argumento O. Para que se evite que haja mais de um argumento novo em uma oração, o argumento A é responsável pela retomada dos referentes humanos, que são introduzidos na narrativa pelo argumento S. No quadro 5, é apresentada a frequência de referentes humanos e de referentes inanimados encontrados em cada argumento.

**Quadro 5. Classe semântica dos referentes**

		narrativas orais	narrativas escritas
<b>S</b>	[+hum]	89%	88%
	[+inan]	11%	12%
<b>A</b>	[+hum]	98,5%	96,5%
	[+inan]	1,5%	3,5%
<b>O</b>	[+hum]	55%	53,5%
	[+inan]	45%	46,5%

De fato, os referentes humanos representam quase a totalidade das ocorrências do argumento **A**. Os referentes humanos também são responsáveis pela maioria das ocorrências do argumento **S**. Por sua vez, o argumento **O** uma frequência de ocorrência de referentes inanimados que se aproxima da frequência de ocorrência dos referentes humanos.

### **3.3. Diferenças entre as narrativas orais e as narrativas escritas**

As narrativas escritas, em geral, uma maior frequência de argumentos lexicais e de argumentos novos do que as narrativas orais. Segundo Du Bois (1987), no discurso oral não planejado, introduzir um argumento com um referente novo é uma atividade que exige do falante uma quantidade excessiva de atenção. No discurso escrito planejado, que não foi pesquisado por Du Bois (1987), introduzir um argumento com um referente novo parece não exigir tanto esforço cognitivo. As narrativas escritas do *corpus* desta pesquisa, produzidas com planejamento prévio, apresentam uma maior frequência de orações com argumentos novos do que as narrativas orais, produzidas sem planejamento prévio. A explicação para isso está ligada ao processo de produção da escrita, que, segundo Chafe (1985), é mais lento que o da fala, permitindo que se processe uma maior quantidade de informação ao mesmo tempo.

A maior frequência de argumentos lexicais nas narrativas escritas do que nas orais está ligada à introdução de argumentos novos. Segundo Du Bois (1987), a informação nova é introduzida lexicalmente. Sendo assim, se na escrita há uma maior proporção de informação nova, também deve haver uma maior proporção de argumentos lexicais para que essa quantidade de informação possa ser introduzida.

## **4. Considerações finais**

Todas as restrições que compõem a EAP puderam ser confirmadas no *corpus* da pesquisa, devendo ser feitas as seguintes observações:

- Restrição de um argumento lexical por oração: as orações com mais de um argumento lexical apresentam uma frequência bem mais baixa do que as orações com nenhum e as orações com um argumento lexical.

- Restrição do **A** não-lexical: o argumento **A** apresenta menor frequência de ocorrências lexicais do que os outros argumentos. O argumento **O** é o que tem maior frequência de ocorrências lexicais.

- Restrição de um argumento novo por oração: as orações com nenhum argumento novo predominam no *corpus*, seguidas das orações com um argumento novo. As orações com mais de um argumento novo, por sua vez, têm um percentual muito baixo de ocorrências (abaixo de 1%).

- Restrição do **A** não-novo: na introdução de informação nova, o argumento **A** apresenta um percentual mais baixo de ocorrências do que os outros argumentos. O argumento **O** é o que tem percentual mais alto de ocorrências novas.

O estudo da EAP também demonstrou que há algumas diferenças entre a EAP das narrativas orais e a EAP das narrativas escritas. A escrita, por ser produzida mais lentamente, permite que se processe uma maior quantidade de informação de cada vez (CHAFE, 1985). Assim, nas narrativas escritas, há uma maior frequência de orações com argumentos novos do que nas narrativas orais.

Assim, pode-se dizer que essas diferenças no funcionamento da EAP estão relacionadas a um fator externo ao sistema lingüístico, ou seja, a maior capacidade de processamento de informação da escrita.

Para Du Bois (1985, p. 360), “é em grande parte a necessidade de resolver consistentemente a competição entre as diversas motivações externas que leva, em primeiro lugar, à existência - como uma estrutura fixa - da própria gramática”. Se é a competição entre as motivações externas que leva à existência de uma gramática, não se pode adotar a posição dos estruturalistas de que a língua é um sistema autônomo, que não cede às pressões externas (*ibid.*). Nem tampouco pode ser assumido o princípio do funcionalismo transparente de que todos os fatos sintáticos que parecem ser autônomos são os resultados transparentes das intenções comunicativas dos falantes, pois esse princípio nega a existência de uma gramática (*ibid.*).

A posição mais correta parece ser a de Du Bois (1985), apresentada no início deste trabalho, que rejeita uma radicalização e conceitua a língua como um sistema adaptável. É um sistema porque tem continuidade de existência e, para isso, categorias gramaticalizadas são retidas para uso, e é adaptável porque é sensível a pressões externas (DU BOIS, 1985).

Conclui-se este trabalho com uma afirmação de Du Bois que sintetiza essas duas características da língua: a suscetibilidade a pressões externas e a capacidade de gramaticalizar as categorias que sofrem essas pressões: “as gramáticas codificam melhor o que os falantes fazem mais”<sup>3</sup> (1985, p. 363).

## Notas

<sup>1</sup> Considera-se o elemento que traz informação nova mais complexo do que o elemento que traz informação dada porque, segundo Chafe (1987), ativar um referente na consciência exige mais esforço cognitivo do que processar mentalmente um referente que já esteja ativo.

<sup>2</sup> A definição do estatuto informacional dos elementos foi feita textualmente, ou seja, o elemento foi considerado novo quando foi mencionado pela primeira vez no texto, foi considerado dado quando foi retomado e foi considerado inferível quando fazia parte de um modelo cognitivo como um *frame* ou um esquema (PRINCE, 1981; BRAGA, 1995).

<sup>3</sup> “Grammars code best what speakers do most.”

## Referências

ASHBY, W. J. & BENTIVOGLIO, P. Preferred argument structure in spoken French and Spanish. *Language Variation and Change*, v. 5, p. 77-90, 1993.

- BRAGA, M. L. A informação, seu fluxo e as construções clivadas. In: HEYE, J. (org.). *Flores verbais*. R. de Janeiro: Editora 34, 1995.
- BUTLER, C. S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003.
- CAMACHO, R. G. O papel da estrutura argumental na variação de perspectiva. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996. v. 6, p. 253-274.
- CHAFE, W. Linguistic differences produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R. et al. (eds). *Literacy, Language and Learning: the nature and consequences of reading and writing*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.
- \_\_\_\_\_. Cognitive Constraints on Information Flow. In: TOMLIN, R. *Coherence and Grounding in Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987.
- DIXON, R. M. W. Ergativity. *Language*, v. 55, p. 59-138, 1979.
- DU BOIS, J. W. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.) *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1985. p. 343-365.
- \_\_\_\_\_. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, v. 63, p. 805-855, 1987.
- DUTRA, R. The hybrid S-category in Brazilian Portuguese: some implications for word order. *Studies in Language*, v. 11, p. 163-180, 1987.
- GIVÓN, T. *Functionalism and grammar*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1995.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: Edward Arnold, 1985.
- NEVES, M. H. M. *A estrutura argumental preferida em inquéritos do NURC*. Mimeo. 1994.
- \_\_\_\_\_. *A gramática funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa*. S. Paulo: Contexto, 2003.
- NICHOLS, J. Functional theories of grammar. *Annual review of Anthropology*, v. 43, 1984, p. 97-117.
- PEZATTI, E. G. Estrutura argumental e fluxo de informação. In: KOCH, I. V. (org.) *Gramática do Português Falado: Desenvolvimentos*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996, v. VI, p. 275-299.
- PRINCE, H. Toward a taxonomy of given-new information. In: COLE, P. (ed.) *Radical Pragmatics*. New York: Academic Press, 1981.